

**Natalia Sertori**

# **Fatores de Risco e Proteção: alguns aspectos;**

**A Resiliência como fator de Proteção**

**Gama, DF, 2021**

  /uniceplac  
uniceplac.edu.br



**UNICEPLAC**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO

# CENTRO UNIVERSITÁRIO APPARECIDO DOS SANTOS - UNICEPLAC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S489f

Sertori, Natalia Maria.

Fatores de risco e proteção: alguns aspectos;  
a resiliência como fator de proteção. Gama, DF:  
UNICEPLAC, 2021.

24 p.

1. Fator de Risco. 2. Fator de Proteção . 3. Resiliência

CDU: 37

- **O que é Resiliência?**
- Na física: é definido como a capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica.
- Em psicologia este conceito está superado, pois uma pessoa não pode absorver um evento estressor e voltar à forma anterior. **Ela aprende, cresce, desenvolve e amadurece**

- Processos de enfrentamento e de superação de crises e adversidades;



- Os estudos sobre o tema datam de menos de trinta anos e as definições não são tão precisas, mas em geral salientam os processos de enfrentamento e de superação de crises e adversidades;
- Inicialmente, as pesquisas utilizavam equivocadamente o conceito de invulnerabilidade para definir resiliência. No entanto, resiliência não denota resistência absoluta a qualquer adversidade; pelo contrário, pode implicar enfrentamento;



- Resiliência é um conceito multifacetado, contextual e dinâmico (Masten, 2001), no qual os fatores de proteção têm a função de interagir com os eventos de vida e acionar processos que possibilitem incrementar a adaptação e a saúde emocional.
- Rutter (1999) pondera que resiliência não é uma característica ou traço individual, mas processos psicológicos que devem ser cuidadosamente examinados.



- Resiliência não é uma característica fixa, ou um produto; pode ser desencadeada e desaparecer em determinados momentos da vida, bem como estar presente em algumas áreas e ausente em outras.
- Neste sentido, a resiliência é entendida, portanto, não somente como uma característica da pessoa, como uma capacidade inata, herdada por alguns “privilegiados”, mas **a partir da interação dinâmica existente entre as características individuais e a complexidade do contexto ecológico**



- O foco tradicionalmente usado pela psicologia, que relaciona os fatores de risco com o que vai “mal” na vida das pessoas, faz com que muitos profissionais, sobretudo aqueles que trabalham com populações em situação de risco pessoal e social, enfatizem o que Junqueira e Deslandes (2003) chamam de determinismo social e “fatalismo”.





- Esses autores destacam a necessidade de que essas populações possam ser vistas não simplesmente como vítimas de um sistema social injusto;
- ao invés disso, reforçam a atitude de resgatar e fortalecer (*empowerment* - empoderamento) as dimensões sadias dessa pessoa, as quais possibilitam luta e superação das situações de risco.



- Ultrapassam, assim, o determinismo social, o preconceito e os estereótipos macrossistêmicos, marcados por um discurso que ressalta e super-valoriza deficiências e prejuízos, e que está pouco atento às estratégias utilizadas para superar as adversidades enfrentadas.



- Atualmente, a resiliência tem sido reconhecida como um processo comum e presente no desenvolvimento de qualquer ser humano;



- e alguns estudiosos têm enfatizado a necessidade de cautela no uso “naturalizado” do termo;
- Por isso, faz-se necessária uma análise ecológica, a fim de investigar a maneira como as pessoas percebem e enfrentam as adversidades decorrentes dos processos proximais, bem como a influência do contexto e do tempo em que estão vivendo (Cecconello, 2003).



- Fatores de risco relacionam-se com eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade de a pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais (P.A. Cowan et al., 1996).



- Diversos autores têm trabalhado com experiências estressoras no desenvolvimento infantil, tais como:
- divórcio dos pais, abuso sexual/físico contra a criança
- pobreza e empobrecimento
- desastres e catástrofes naturais
- guerras e outras formas de trauma
- Tradicionalmente, esses estressores eram concebidos de maneira estática, ou seja, na presença de qualquer um deles já eram previstas conseqüências indesejáveis.





- Tomando o exemplo da desvantagem socioeconômica, embora sabido que pobreza, conflito familiar e abuso são prejudiciais, a evidência de que estes fatores se constituirão em risco ou não dependerá do comportamento e dos mecanismos por meio dos quais os processos de risco operarão seus efeitos negativos na criança (P.A. Cowan et al., 1996).





- Além disso, a relação das pessoas com eventos estressores passa por distintos graus de ocorrência, intensidade, frequência, duração e severidade.
- Nesse sentido, o impacto dos eventos estressores é ainda determinado pela forma como eles são percebidos.
- Por exemplo, a maneira como uma criança que foi violentada fisicamente lidará com esta situação dependerá do contexto no qual essa violência aconteceu, quais são os ambientes que ela frequenta, sua rede de apoio, seu momento no desenvolvimento, suas experiências, seus processos psicológicos e características individuais.

- A identificação de fatores de risco que acentuam ou inibem distúrbios, transtornos e respostas desadaptadas, no entanto, deve ser realizada em consonância com fatores de proteção (*buffers*), que podem desencadear processos de resiliência.



- Segundo Rutter (1985), “fatores de proteção referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação”.
- A característica essencial desses fatores é a modificação catalítica (que estimula) da resposta da pessoa à situação de risco



- Esses fatores podem não apresentar efeito na ausência de um estressor, pois seu papel é o de modificar a resposta em situações adversas, mais do que favorecer diretamente o desenvolvimento.
- Rutter (1987) adverte os pesquisadores para não equipararem fatores de proteção com condições de baixo risco.
- Proteção não é uma “química de momento”, mas o modo como a pessoa lida com as transições e mudanças de sua vida, o sentido que ela dá às suas experiências, seu sentimento de bem-estar, auto-eficácia e esperança, e a maneira como ela atua diante de circunstâncias adversas

- Também fatores de proteção devem ser abordados como processos, nos quais diferentes fatos interagem entre si e alteram a trajetória da pessoa, produzindo uma experiência de cuidado, fortalecimento ou anteparo ao risco;
- Definir efetivamente o que é ou não risco e proteção parece complicado, pois as interações e combinações de seus efeitos necessitam de uma cuidadosa análise contextualizada;

- Ou seja, uma análise ecológica do evento, dos processos, do momento histórico e da pessoa é indispensável.
- Risco e proteção, assim como o processo de resiliência, não são necessariamente entidades estáticas: podem ser elásticas e mutáveis por natureza, entretanto integram o ecossistema da pessoa em processo de resiliência.



- Alguns fatores de proteção são fundamentais ao desenvolvimento, segundo:
  - a) atributos disposicionais das pessoas, tais como autonomia, auto-estima, bem-estar subjetivo e orientação social positiva, além de competência emocional, representação mental de afeto positivo e inteligência
  - b) rede de apoio social, com recursos individuais e institucionais, que encoraje e reforce a pessoa a lidar com as circunstâncias da vida;
  - c) coesão familiar, ausência de negligência e possibilidade de administrar conflitos, com a presença de pelo menos um adulto com grande interesse pela criança, e presença de laços afetivos no sistema familiar e/ou em outros contextos que ofereçam suporte emocional em momentos de estresse



- Poletto e Koller (2002) mencionam que a rede de apoio social e afetiva apresenta estrutura e funcionamento protetivos.
- Em concordância com essa idéia, De Antoni e Koller (2001) apontam a importância da flexibilidade dos sistemas ecológicos para garantir a proteção; este suporte social pode ser a escola, o trabalho, os serviços de saúde, entre outros.



# Referências

- Alvaréz, A. S., Moraes, M. C. L., & Rabinovich, E. P. (1998). Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, **8** (1/2), 70-75.
- Brito, R., & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A. M. Carvalho (Ed.), *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação* (pp.115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development. *Developmental Psychology*, **22** (6), 723-742.
- Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de doutorado não-publicada, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: resilience processes in development. *American Psychologist*, **56** (3), 227-238.
- Poletto, R. C., & Koller, S. H. (2002). Rede de apoio social e afetivo de crianças em situação de pobreza. *Psico-PUCRS*, **33** (1), 151-176.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatric*, **147** (6), 598-611.

**Obrigado (a)!**

  /uniceplac  
uniceplac.edu.br



**UNICEPLAC**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO